

# Da favela para a fama

Dos muitos ingredientes necessários à produção de um "best-seller", o momento psicológico do lançamento é decisivo. Maria Carolina de Jesus, semi-alfabetizada (1º e 2º ano do curso primário) não sabia dessa regra, mas seu livro, "Quarto de Despejo", lançado em 1960, tornou-se "best-seller" traduzido em 13 línguas e lido em 40 países, inclusive a União Soviética e o Japão.

Catadora de papéis e latas, moradora da favela do Canindé (São Paulo), nascida e criada em Sacramento, Minas Gerais, viu-se de um momento para o outro transformada em personalidade literária nacional. Para quem catava papéis para alimentar três filhos menores, o choque deve ter sido grande: em vez de um quarto na favela, convivia com políticos, era recebida em palácios, apertava a mão de escritores famosos. Do Canindé passou a morar em Santo André, numa casa cedida pelo Governo; cobriu-se de sedas e jóias. Sua desculpa para os que a chamavam de esnobe: "Se a gente não aproveitar esta vida, vai aproveitar a outra?"

E aproveitou. Participava de de-

bates, entrevistas (com hora marcada), mesas-redondas, falava para o rádio e jornais, aparecia na televisão. Viajou para o Chile. Chegou até mesmo a renegar seu livro ("Que coisa horrível é "Quarto de Despejo". Até sinto vergonha dele"). Escreveu outros mais cuidados, mais sofisticados ("Provérbios", "Felizada", "Casa de Alvenaria", "Pedago de Fome"). Mas, para os críticos, ela tinha perdido a autenticidade; e nenhum deles fez sucesso.

No auge da fama, Carolina Maria de Jesus mudou-se para uma casa em Santana. De repente, ninguém mais falava da escritora-favelada. A bela casa foi trocada por outra, de alvenaria, em Palhares, onde havia adquirido um terreno. Os vestidos de seda, por de algodão. A caneta por uma enxada. Carolina fez uma roça de mandioca e milho. Uma criação de porcos, umas poucas galinhas; uma tendinha à beira da estrada completavam o seu sustento e dos três filhos.

"Deus não favorece o indolente", dizia Carolina. Mas acrescentava:

"O homem que procura se instruir está armazenando sua maior fortuna". Assim é que, se de dia capinava e cuidava do roçado, à noite escutava os noticiários de rádio, lia jornais, manuseava seus livros (entre eles uma enciclopédia) e escrevia. E lamentava não ter mais ao seu lado o jornalista Auddio Dantas, que a descobriu e lutou para ver "Quarto de Despejo" publicado. A revisão era feita agora por sua filha Vera, e o material datilografado pelo pároco de Palhares.

Em fins de 1976, a escritora-favelada voltou a ser notícia, com a publicação de "Quarto de Despejo" em livro de bolso. Carolina autografou exemplares nas ruas, em livrarias, bancas de jornais do Rio e de São Paulo. Soubemos que ele seria transformado em filme nos Estados Unidos. E se mostrou preocupada: "Será que vão deixar o filme passar aqui?" Carolina ainda não se esquecera de que um documentário feito pela televisão alemã sobre ela — "O despertar de um Sonho" — fora proibido no Brasil e causou, inclusive, um protesto diplomático.